



«O Peso da História», 2007,
escultura de Pedro Valdez Cardoso

CIRCULAÇÕES

A escultura no «campo expandido» dos Jardins de Belém

Pensar uma exposição é sempre pensar o lugar em que esta vai ser realizada e os significados simbólicos que nele preexistem. Esse facto torna-se uma evidência quando o lugar em causa é a residência oficial do Presidente da República.

Talvez por isso, Filipa Oliveira — convidada pela presidência para comissariar uma exposição comemorativa do 5 de Outubro nos jardins do Palácio de Belém — tenha aproveitado a oportunidade não para inquirir da natureza política e institucional do lugar (a tentação mais óbvia) mas para explorar uma forma artística cuja relação com o espaço público é inerente à sua história: a escultura.

«Jardim Aberto» reúne assim um conjunto de obras de 16 artistas portugueses cuja única relação entre si é o facto de trabalharem no campo expandido e difícil de definir da escultura contemporânea e de o fazerem por referência a um espaço — o jardim do palácio — repleto de marcas de uma visão pré-moderna da escultura. O interesse da exposição reside também na acção cirúrgica que cada um dos artistas estabelece entre passado e futuro, entre espaço público e acção subjectiva, dialogando com uma ordem anterior que enformava a escultura de uma função consagratória e decorativa.

Algumas das mais interessantes in-

tervenções são, pois, as que se pensam em directa referência ao espaço e que nele acordam sentidos perdidos ou ainda actuantes ou que tentam recodificá-lo. Ao mesmo tempo, funcionam igualmente bem alguns dos trabalhos que inquiram directamente o passado da escultura, como a peça *O Peso da História*, uma espécie de antimonumento de Pedro Valdez Cardoso, densamente evocativo e irónico, ou as esculturas de vidro de Miguel Ângelo Rocha, cuja suave elegância recorda as teatrais figuras de cisnes nos jardins aristocráticos. Também Miguel Branco evoca outros contextos escultóricos com os seus pequenos cães-leões Foo «transplantados» dos palácios da China para o contexto do poder ocidental.

Algumas das propostas tentam «desinstitucionalizar» o espaço, como a de Suzanne Thémilitz, que recupera o universo infantil da «casa na árvore», a escultura-acção *I Have a Dream*, de

João Pedro Vale, um balão de ar quente que ficou encurralado numa janela, ou o sumptuoso sapato de Joana Vasconcelos, afinal feito de painéis e tampas. Outras intervenções são mais atmosféricas, como os filtros coloridos de Ana Jotta, que permitem ver de outras cores o jardim e a paisagem, o «casulo» de Sancho Silva, que promove o recolhimento, ou a vocação regeneradora aplicada ao jardim na instalação de Fernanda Fraga e Iró. Armanda Duarte e Dalila Gonçalves introduzem um elemento popular num espaço de Estado, a primeira espalhando receitas de doces por várias árvores e a segunda desenhando um provérbio popular com milho no pátio do palácio. Já os trabalhos de Pedro Cabrita Reis, Rui Chafes e Alberto Carneiro impõem as suas linguagens habituais a este contexto específico, com desigual sucesso (muito interessante a adequação da escultura de Cabrita Reis a um lago, algo conservadora a peça de Carneiro). Finalmente, Baltazar Torres mostra o trabalho mais claramente político com uma obra já antiga (uma garrafa de gás com uma imagem do mapa-mundo) que ganha sentidos acrescidos neste contexto.

Na sua diversidade, a exposição reflecte uma ideia de escultura contemporânea fluida, fortemente empenhada num diálogo com a sua história, mas capaz de ser mais do que um seu reflexo contemporâneo.

C.M.

«Jardim Aberto»

Palácio de Belém, até dia 25